

Do abandono à permanência num curso de ensino superior

TERESA ALBUQUERQUE

teresa.albuquerque@fmd.ul.pt

Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa (FMD-UL)

RESUMO:

A finalidade desta investigação¹ foi compreender como se adaptam à faculdade os alunos que entram num curso, de Ensino Superior, que não é o de 1ª opção e porque optam por não o abandonar.

Os dados foram obtidos através de questionários e entrevistas semi-directivas realizadas com estudantes que ingressaram pela primeira vez no Ensino Superior em 2004/2005.

Os resultados indicaram que, através das actividades académicas práticas, realizadas durante o curso, os estudantes começaram a entender a profissão, o tipo de população com que irão trabalhar e o tipo de trabalho que podem vir a desenvolver. Verificou-se que o envolvimento dos estudantes no curso e a relação pedagógica são os factores mais relevantes nas decisões de permanência dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino superior, Abandono, Permanência.

Albuquerque, Teresa (2008). Do abandono à permanência num curso de ensino superior.

Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 07, pp. 19-28.

Consultado em [mês, ano] em <http://sisifo.fpce.ul.pt>

INTRODUÇÃO

O primeiro ano do Ensino Superior é problemático para muitos alunos e professores da Universidade. O insucesso académico, as desistências e a aparente desmotivação de muitos alunos é preocupante para o País, para as Instituições e não só inquietante como frustrante para os professores e alunos. A par da elevadíssima taxa de insucesso², as universidades confrontam-se com a progressiva diminuição de estudantes devido a factores de natureza sócio-demográfica.

Na tentativa de se encontrar fundamentação para alguns destes problemas — considera-se, muitas vezes, o facto de os alunos entrarem maioritariamente em cursos de baixa prioridade — utilizando o seu 1º ano na Universidade como “marcar passo” para conseguirem transferência de curso — justificando-se com isto algum aumento nas desistências e abandono. O insucesso é muitas vezes explicado por desinteresse, desmotivação, dificuldade de enquadramento dos alunos na faculdade ou ainda por dificuldade em gerirem a sua aprendizagem e os seus métodos de estudo (Tavares *et al.*, 2000).

Medidas do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino vêm comprovar a relevância da questão do abandono ao solicitar às Universidades, através do despacho nº 6659/99 — 2ª série, a realização de estudos que permitam tipificar causas de insucesso/abandono no Ensino Superior de modo a possibilitar a implementação de medidas promotoras do

sucesso académico e preventivas para o insucesso e abandono escolar.

O presente trabalho insere-se numa linha de investigação que se preocupa com os factores de (in) sucesso dos estudantes no 1º ano do Ensino Superior, centrando-se na problemática do abandono académico. Definiu-se o abandono académico como a desistência de frequentar o curso em que se ingressa sem o ter concluído, obtendo transferência para outro curso ou abandonando a faculdade e/ou universidade.

Esta situação é um dos problemas do curso de Higiene Oral da FMD-UL, visto que desde 2001 a média anual de abandonos no 1º ano do curso é de 8,3%. Seleccionou-se este curso como campo de estudo, optando por um estudo em profundidade que viesse a contribuir para a identificação de estratégias, quer de prevenção, quer de intervenção, para minimizar o número de alunos que deixam precocemente o curso.

Vários autores defendem que as vivências dos estudantes, durante o seu 1º semestre académico, podem alterar as expectativas e intenções iniciais dos mesmos (Pinheiro, 2003; Santos, 2000; Schlossberg *et al.*, 1989; Tavares *et al.*, 2000). Verifica-se também, que a complexidade das situações e ambientes que envolvem os estudantes na sua fase de transição e adaptação ao Ensino Superior podem ter implicações nas decisões de permanência ou de abandono dos cursos por parte dos mesmos (Ferreira *et al.*, 2001; Nico, 2000; Pinheiro, 2003; Schlossberg *et al.*, 1995; Soares, 1999).

Analisando-se o abandono dos cursos de ensino superior e a permanência nos mesmos, constatou-se que o abandono ou a desistência é mais frequente, e provavelmente mais voluntário, nos primeiros meses posteriores ao ingresso. Tinto (1975, 1989b) verificou que mais de metade dos abandonos ocorre em alunos inscritos no 1º ano.

O fenómeno do abandono pode ser compreendido quer do ponto de vista individual, quer do institucional. Abandonar um curso pode representar, a nível individual, o fracasso para atingir uma meta, a ausência de interesse ou a incapacidade para satisfazer o trabalho académico. O mesmo fenómeno, a nível institucional, pode afectar a organização, a programação académica e, em muitos casos, o prestígio institucional (Tinto, 1989a, 1993). Conjugando estas perspectivas, alguns estudos apontam para a necessidade de uma intervenção precoce, que pressupõe a identificação dos problemas que estão associados a este fenómeno (Duran & Diaz, 1999; Mendes *et al.*, 2001). Estes autores identificam alguns desses problemas: inadequada escolha do curso — por decisões influenciadas por amigos, familiares, modas e não por vocação; notas de admissão muito baixas; insuficiente integração dos estudantes nos ambientes intelectuais e sociais das faculdades; fraca relação entre docentes e discentes. Outros (Pascarella, 1982; Pascarella & Terenzini, 1980; Pascarella *et al.*, 1986; Tinto, 1975, 1987, s/d), ao invés, salientam que a permanência dos estudantes nos cursos aumenta quando existe: boa adaptação do estudante à nova realidade; quando as relações professor-estudante são positivas; quando existe suporte académico e social dos colegas e docentes; quando os estudantes acreditam no seu próprio sucesso e quando se sentem envolvidos e valorizados pelas instituições onde frequentam os seus cursos.

Tendo-se verificado ao longo dos anos um aumento do número de estudantes que deixam o curso de Higiene Oral sem o terem concluído (da totalidade de alunos que ingressaram no curso, desde 2001, 23,8% pediram transferência de curso no final do 1º ano e 9,5% reprovaram no 1º ano e desistiram), tornou-se relevante tentar compreender o porquê da existência de uma significativa taxa de abandono escolar.

Em 2001, o curso de formação profissional de Higiene Oral (HO) passa a bacharelato, tendo duplicado o número de alunos. O absentismo, as

reprovações e o abandono aumentaram. Surgiram pela primeira vez os trabalhadores-estudantes, as precedências, o ingresso de estudantes, agora no contexto do concurso ao Ensino Superior, que escolhem o curso em 5ª ou 6ª opção. Também pela primeira vez deixaram de ser feitas provas vocacionais específicas para o acesso ao curso e grande percentagem dos novos estudantes não têm noção do curso nem das suas saídas profissionais.

Considerando os concursos dos anos lectivos de 2001/2002, 2002/2003 e 2003/2004, apenas 19% dos estudantes que ingressaram no curso de HO o escolheram como 1ª opção, 22% escolheram-no em 2ª opção; 22% em 3ª opção; 16% em 4ª opção; 6% em 5ª opção e 14% em 6ª opção. Ou seja, a maioria das vagas tem vindo a ser ocupada por estudantes que não escolhem o curso em primeiro lugar. Este desajuste entre o curso que desejam frequentar e o curso onde conseguem entrar talvez seja um dos factores de abandono, neste curso como noutros.

A investigação que, em parte aqui se apresenta, teve como foi foco principal o estudo dos factores de “Não Abandono Escolar” dos estudantes colocados em baixa prioridade de escolha no curso. Estudos já realizados (Tavares *et al.*, 2000; Tinto, 1975) apontam para a multifactorialidade das razões da adaptação e do sucesso académico. Na perspectiva de justificar um possível programa de prevenção/intervenção para esta nova população tornou-se também necessário caracterizá-la, reconhecer as suas necessidades, dificuldades, expectativas e motivações. Pretendeu-se, então, identificar dados da realidade dos estudantes do 1º ano do curso de HO que possam ser considerados na reflexão e debate sobre como pode a FMD-UL favorecer a permanência e o sucesso dos seus estudantes, equacionando-se duas grandes questões:

1. O que favorece a permanência dos estudantes num curso que não o de 1ª opção?
2. Quais os efeitos do primeiro semestre curricular sobre a mudança de atitudes do aluno em relação ao curso e Faculdade que frequenta?

MÉTODO

O estudo foi realizado com os estudantes que se inscreveram pela primeira vez no 1º ano do curso de HO

da FMD-UL, num total de 30 alunos, utilizando-se os seguintes instrumentos de recolha de dados:

- Questionário para caracterização dos estudantes na sua totalidade.
- Entrevistas semi-directivas elaboradas a dez alunos que se ofereceram como voluntários.
- Questionário adaptado e fiabilizado para identificar factores que contribuem para uma adaptação bem sucedida dos alunos do 1º ano da Faculdade (Questionário de Adaptação ao Ensino Superior — QAES, Lemos *et al.*, 1999).

A triangulação da informação obtida permitiu uma maior confiança nos resultados, acreditando que as limitações de um instrumento possam ter sido colmatadas pela utilização de outro.

O questionário de caracterização da população foi preenchido na primeira aula do primeiro dia de aulas do 1º semestre do curso de HO, tendo abrangido o total da população, 30 alunos. O questionário, com perguntas de resposta fechada (escala de Likert) e de resposta aberta, é constituído por 32 perguntas agrupadas em quatro dimensões:

1. Caracterização demográfica e escolar, que engloba itens referentes ao género, idade, residência, meio de subsistência e via de ingresso no Ensino Superior;
2. Decisões e intenções dos estudantes no ingresso ao Ensino Superior, com perguntas referentes a factores que influenciaram a escolha do curso de 1ª opção e do curso que frequentam, satisfação com o ingresso no Ensino Superior e intenção de mudança de curso;
3. Expectativas e dificuldades perspectivadas pelos estudantes;
4. Perspectivas de desempenho académico como estudantes universitários.

No final do 1º semestre curricular, foram realizadas entrevistas semi-directivas a dez alunos voluntários, para aprofundamento da informação recolhida nos questionários de caracterização, identificação de expectativas e de factores que os levam a desistir, ou não, de frequentar o curso.

O QAES foi aplicado na primeira semana de aulas do 2º semestre do curso de HO, tendo abrangido

os estudantes do 1º ano que ainda não tinham desistido de frequentar o curso, num total de 26 alunos. Os itens do questionário são relativos a: características sócio-demográficas; desempenho no ensino secundário e no acesso ao Ensino Superior; competências de estudo; apreciação dos conteúdos de métodos das disciplinas do 1º semestre; oportunidades de inserção no contexto universitário; satisfação com o ambiente relacional e social; problemas sentidos e grau de preocupação com eles; satisfação geral com a vida; percepção do desempenho no ensino secundário e superior; auto-avaliação de competências no estudo; satisfação com o desempenho no 1º semestre; percepção da adaptação à Universidade e motivação para o curso.

Os dados do questionário de caracterização recolhidos através de questões com escala de Likert foram sujeitos a tratamento estatístico de carácter descritivo, dado o pequeno número de sujeitos em estudo. Quanto às respostas abertas deste questionário e ao conteúdo das entrevistas, toda esta informação foi sujeita à técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2004). Também os dados recolhidos através do QAES foram analisados através de processos de estatística descritiva sendo ainda realizadas algumas análises comparativas, relacionais e de frequências.

RESULTADOS

Do total de 30 estudantes que pela 1ª vez entraram no 1º ano do curso de HO, abrangidos por este estudo, 86,67% eram do género feminino e 13,3% do masculino. A idade média era de 20 anos, sendo a mínima de 18 anos e a máxima de 25. Apenas 63,3% destes estudantes concorreram pela 1ª vez ao Ensino Superior, os outros 36,7% concorreram mais vezes sendo que 81,82% destes já haviam frequentado outros cursos de Ensino Superior, sem os concluírem. É de referir que 26% da totalidade dos inquiridos já tinham desistido ou abandonado outros cursos de Ensino Superior.

A decisão de frequentarem o Ensino Universitário foi fortemente influenciada pelos pais e amigos (60%) e pelos pares — amigos e colegas (22%), enquanto que 10% consideram não ter sido influenciados por ninguém; os restantes (8%) foram aconselhados por profissionais de saúde.

Os factores que influenciaram a escolha do curso de 1ª opção foram essencialmente a vocação (27,1%), o valor do curso no mercado de trabalho (25,9%) e o potencial interesse do currículo (20%). As restantes respostas distribuem-se por factores como: família ou amigos com o mesmo curso (7,1%), família ou amigos a frequentar o mesmo curso (7,1%), o prestígio do curso (7,1%) e a facilidade de ingresso (5,9%). Porém, verifica-se que o curso de HO só foi 1ª opção para 35,7% dos estudantes. Ou seja, a maior parte (64,3%) dispõe-se a frequentar o curso que não constituiu a sua principal motivação. As outras primeiras opções revertem a favor de diversos cursos na área das Ciências da Saúde, sendo que os mais pretendidos foram Enfermagem (17,9%) e Medicina Dentária (10,7%).

As maiores preocupações perspectivadas pelos estudantes estavam relacionadas com o Ambiente Social, visto que o medo de “não se relacionar bem com os colegas” foi a maior inquietação manifestada, seguida do receio das relações a estabelecer com os professores. Dificuldades referidas pelos estudantes com o Ambiente Académico revelaram o “medo de não de adaptarem ao ambiente”; o de “não se conseguirem inserir na vida académica”; “a pouca disponibilidade para as actividades extra-curriculares” e “a falta de espírito de união entre os cursos da mesma faculdade”.

Relativamente ao Curso de Higiene Oral propriamente dito, as dificuldades que os estudantes pensavam que iriam encontrar eram “na altura de pedir transferência de curso”; o facto de “não gostarem do curso”; a “desmotivação por estar neste curso” e o “desejo de mudar”. Talvez este desejo de mudar tenha levado a que, da totalidade de alunos que responderam ao 1º questionário (no início do 1º semestre), 62,1% manifestasse a intenção de mudar de curso.

Porém, as vivências do 1º semestre curricular e envolvimento nas actividades do curso parecem ter provocado alterações nas atitudes, intenções e expectativas dos estudantes em relação aos colegas, aos professores, ao curso e à faculdade. Tal foi possível inferir a partir da diferença de percentagens apresentadas relativamente às intenções de mudança de curso registadas entre o início do 1º semestre e o início do 2º. Nesta altura apenas 30,8% dos estudantes mantinham a intenção de mudar para outro curso.

Os estudantes mostraram-se surpreendidos com alguns factos encontrados no decorrer do 1º semestre:

- i) Relativamente à faculdade, os estudantes ficaram surpreendidos positivamente com o facto de ser de pequenas dimensões, de ter poucos cursos e poucos alunos por turma, tornando assim o espaço académico mais familiar; as ideias de que as aulas eram realizadas em grandes anfiteatros com muitos alunos, que as pessoas existentes nas instituições eram mais velhas e de que as praxes podiam não ser agradáveis surgiram, positivamente, como expectativas frustradas no final deste primeiro semestre;
- ii) O curso surpreendeu positivamente alunos cujas expectativas iniciais eram nulas, em especial as componentes clínica e comunitária, o facto do curso ser muito trabalhoso e com várias avaliações intercalares agradou a alguns alunos, pois se por um lado lhes fez parecer um prolongamento da escola secundária, por outro obrigou-os “positivamente” a ter de estudar e acompanhar as disciplinas não estudando só para os exames;
- iii) Contrariamente às expectativas que tinham dos professores, de serem velhos, distantes e “despejarem” matéria — os alunos revelaram apreço pelas boas relações de trabalho que estabeleceram com eles, pela acessibilidade, informalidade e forma de leccionar;
- iv) O apoio constante e inesperado dos alunos dos anos superiores e a boa relação entre os colegas da turma foram, de igual modo, factores muito positivos.
- v) Dos factores referidos para abandono do curso destaca-se essencialmente a pouca autoconfiança, a influência familiar, a sensação da pouca destreza manual e o medo das aulas práticas.

No início do 2º semestre, no que se refere à percepção do seu grau de adaptação à Universidade, os alunos, em geral, consideram-se bem adaptados. Constatou-se que existem mais alunos que se consideram “muito bem adaptados ou bem adaptados à instituição” ao nível dos que não tinham escolhido o curso como 1ª opção (93,3% *versus* 81,8%). Quando se dividiu os alunos relativamente às intenções de permanência ou não no curso apurou-se que os que tencionam sair parecem estar menos satisfeitos com o 1º semestre

(37,5% declaram-se satisfeitos ou muito satisfeitos *versus* 52,5% dos que não tencionam sair) e menos satisfeitos com a vida (87,5% declaram-se satisfeitos ou muito satisfeitos *versus* 88,9% dos que não tencionam sair); apesar disto é de realçar que mais de 50% destes alunos se sente “muito satisfeito” ou “satisfeito” com a vida e se considera “muito bem adaptado ou bem adaptado à instituição”.

Quanto aos problemas vividos pelos estudantes, destaca-se que a atenção e concentração foram os mais referidos, seguindo-se a ansiedade, as dificuldades com os estudos e o mal-estar físico. Curiosamente são mais os alunos de 1^a opção que apresentam problemas bio-psicológicos, com excepção para o mal-estar físico com uma percentagem ligeiramente superior nos alunos que entraram no curso com outras opções. Por outro lado, existem mais alunos deprimidos, ansiosos e com problemas de atenção e concentração entre os que tencionam abandonar o curso, comparativamente com os que querem ficar. Os alunos que tencionam sair do curso apontam com maior frequência a vivência de problemas de relacionamento com os namorados, de problemas económicos, bem como dificuldades nos estudos, dificuldades de adaptação à instituição e dificuldades por se encontrarem fora do agregado familiar.

A análise dos dados recolhidos através das entrevistas permite compreender como o envolvimento dos estudantes no curso se revelou fulcral nas suas decisões de permanência. Através das actividades realizadas começaram a entender mais claramente o curso e a profissão, o tipo de população com que irão trabalhar e o tipo de trabalhos que irão realizar profissionalmente, tal como Mercuri, Silveira e Polydoro também observaram (1998, citados por Mercuri & Polydoro, 2004).

Os factores apontados pelos entrevistados para permanecerem no curso focaram essencialmente o curso em si, a relação com os professores e com os colegas, como também já foi referenciado por Pascarella e Terenzini (1980). Os estudantes falaram positivamente das aulas práticas, da diversidade de população com que trabalham no decorrer do curso e da perspectiva de durante o curso realizarem consultas em clínica. A importância do apoio e das boas relações informais estabelecidas com os colegas de turma e com os colegas mais velhos foi fortemente apontada. Dentro dos factores positivos que

atribuíram ao curso pode-se destacar o apreço pelas aulas práticas de Clínica e Comunidade e o seu início no 1^o semestre. A indispensabilidade de terem de frequentar as aulas teóricas e de estudar, imposta pelas consecutivas avaliações contínuas, obriga-os a permanecerem mais tempo na instituição e a manterem-se actualizados, o que agradavelmente lhes parece um prolongamento do Ensino Secundário.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos neste estudo dos estudantes que pela primeira vez ingressaram no primeiro ano do curso de Higiene Oral da FMD-UL, no que respeita à prioridade de escolha do curso, reforçam o que se tem vindo a verificar relativamente ao facto de que as dificuldades no acesso ao Ensino Superior começam, por vezes, pela própria escolha do curso, muitas vezes feita não de escolhas mas de eliminatórias e pela ocupação de vagas por estudantes com melhores classificações de acesso ao Ensino Superior. Estes factos levam muitos estudantes a frequentarem cursos para os quais não se sentem particularmente vocacionados e que, muitas vezes, desconhecem. Ponderou-se então a análise de Tinto (1993) quando afirma que existem jovens que ingressam em cursos com uma baixa prioridade de escolha, pois têm notas de ingresso superiores às dos que optariam por eles em 1^o lugar, sendo, os que ingressam, potenciais desistentes que deixarão as vagas desocupadas — diminuindo assim o número de alunos frequentadores desses mesmos cursos.

Em relação ao “Curso de Higiene Oral”, as dificuldades esperadas por estes estudantes revelam a intenção do carácter provisório de permanência no curso, revelando *à priori* receio das dificuldades associadas à desmotivação e desejo de mudança relativamente ao curso e até ao momento de pedir a transferência para outro. Aparentemente estes dados vão de acordo com o que Silveira e Polydoro (1998, citados por Mercuri & Polydoro, 2004) sugerem quando indicam que o que leva os estudantes a inscreverem-se em cursos não preferenciais é principalmente a crença de que se trata de uma condição temporária, a ser superada através de reorganização interna na instituição (transferência ou mudança de curso) ou de aproveitamento de créditos aquando

do ingresso num novo curso (fora da instituição).

No caso dos estudantes abrangidos pelo estudo, a alteração de expectativas ao longo do 1º semestre académico relativamente ao curso e à faculdade revelou-se bastante positiva. O curso surpreendeu positivamente alunos cujas expectativas iniciais eram nulas, em especial a componente prática do curso. Os dados recolhidos neste trabalho assemelham-se aos do estudo realizado por Soares e Almeida (2001) onde os alunos surpreendidos positivamente e realistas nas suas expectativas, relativas ao relacionamento com colegas e ao investimento nas actividades ligadas ao curso, se diferenciaram daqueles cujas expectativas foram moderadas ou totalmente goradas pela experiência universitária. Os primeiros apresentaram melhores indicadores ao nível dos métodos de estudo e da gestão do tempo, assim como no desenvolvimento vocacional, na adaptação à instituição e no envolvimento em actividades extra-curriculares.

Relativamente aos estudantes do curso de HO, foram positivamente surpreendidos com o facto da faculdade ser de pequena dimensão, ter poucos cursos e poucos estudantes por turma, tornando assim o espaço académico mais familiar. A antevisão de que as aulas eram realizadas em grandes anfiteatros com muitos alunos, que as pessoas existentes nas instituições eram mais velhas e que as praxes podiam não ser agradáveis surgiram como expectativas não confirmadas, no final deste primeiro semestre.

Os resultados obtidos sugerem que a qualidade do contexto universitário promoveu de alguma forma estas opiniões dos estudantes e que para isso contribuiu, como diz Chickering (1969), o papel desempenhado pela dimensão da organização, pelos objectivos institucionais, pelas interacções estabelecidas entre os estudantes e os membros da comunidade universitária, pelas práticas docentes, pelos serviços e programas disponibilizados aos estudantes. Os resultados no caso do curso de HO sugerem, ainda, que as experiências académicas por vezes excederam expectativas iniciais e considera-se o aparecimento de “estudantes surpreendidos” tal como definidos por Baker e Schultz (1992, citados por Soares & Almeida, 2001).

Com estes resultados pode-se comprovar a importância que as aulas práticas, os aspectos profissionalizantes do curso, o ratio professor/aluno, a

dimensão das turmas e da faculdade são factores positivos que têm a capacidade de alterar expectativas iniciais mais negativas. Os estudantes revelaram o seu apreço pelas boas relações de trabalho que estabelecem com os professores, pela acessibilidade, informalidade e forma de leccionar dos mesmos.

A informação levantada sobre os possíveis factores que levam os alunos a permanecerem no curso que não escolheram em 1ª opção apoia os referidos anteriormente, salientando-se mais ainda a importância das boas relações estabelecidas com os professores e os colegas, o bom ambiente da faculdade e as actividades profissionais a desenvolver quando finalizado o curso. Estes dados estão de acordo com a componente do modelo de Astin (1993, citado por Santos, 2001) que sugere que a persistência escolar está fortemente associada às relações entre os estudantes e os pares, e às interacções entre os estudantes e a instituição.

As principais causas mencionadas como promotoras do abandono do curso foram essencialmente factores pessoais reveladores de baixa autoconfiança dos estudantes, como, o medo das práticas, o medo de magoar colegas, o medo de magoar pessoas, o medo de não conseguir. Diversas investigações corroboram estes dados, no sentido em que estas percepções pessoais de falta de capacidade e dificuldades de desempenho se mostram importantes no ajustamento e realização académica dos alunos (Barros & Almeida, 1991), e que a vivência destes problemas tem implicações negativas no rendimento académico podendo levar ao aumento dos índices de abandono escolar (Rickinson & Rutherford, citados por Santos, 2000). Estas evidências apontam para necessidade de se criarem apoios especiais para os estudantes que ciclicamente apresentam apreensão, insegurança e timidez nas aulas práticas, observando-se que estas dificuldades podem ser potenciais promotores de abandono e do insucesso.

A influência familiar também se revelou importante na decisão de mudança de curso, tal como o receio de não se conseguir trabalhar na área profissional quando terminado o curso.

É de referir que algumas das razões que motivam as situações de abandono apontadas na literatura (Mendes *et al.*, 2001) não se comprovaram relativamente aos alunos desta investigação, visto que a ausência de saídas profissionais e os custos financeiros

inerentes à frequência no ensino superior não foram apontados como factores que levam os estudantes a desistirem de frequentar este curso.

Embora a população desta investigação apresente dados apenas representativos dela própria, ela apresenta idêntica proporção e sequência na distribuição dos seus problemas comparativamente ao estudo elaborado nas 14 licenciaturas da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto por Lemos *et al.* (1999) a uma amostra de 494 alunos do 1º ano.

Com os dados recolhidos consegue-se observar que existem mais estudantes com problemas do foro psicológico ao nível dos que pretendem sair e que os estudantes que entraram no curso em “outras” opções, que não a primeira, não coincidem com os que pretendem sair, o que novamente apoia a necessidade de se identificarem as intenções iniciais dos estudantes aquando do seu ingresso no curso para que preventivamente se possa dar suporte social e académico aos que potencialmente apresentarão mais problemas. Verificou-se ao longo deste trabalho que não existem grandes diferenças nos graus de satisfação ou insatisfação, nas várias dimensões avaliadas na adaptação ao Ensino Superior, entre os estudantes de 1ª

e outras opções. As diferenças encontram-se entre os que pretendem sair e os que desejam ficar.

Todos os estudantes podem então ser considerados como potenciais “desertores” visto que alguns dos que escolheram em primeira opção pensam na possibilidade de sair e estudantes que ingressaram com opções mais baixas consideram permanecer, o que não se observou na investigação de Mendes, Lourenço e Pile (2001) onde o abandono revelou ser característica típica dos alunos cujo curso frequentado não foi o de primeira opção.

A capacidade e esforços dos cursos e instituições para conseguirem envolver os seus estudantes, de modo a lhes reforçar o desejo de permanecerem nos mesmos, tem de ser direccionada a todos os estudantes.

Contudo, para uma melhor compreensão da problemática analisada poderiam ser realizados estudos longitudinais que investigassem as alterações de atitudes e razões para a sua existência no decorrer dos diversos anos dos cursos e no pós-curso, aos estudantes universitários, de forma a definir focos de interesse e pontos fulcrais requerentes de potenciais necessidades de apoio por parte das instituições, colegas e docentes.

1. Este artigo baseia-se na investigação desenvolvida pela autora no âmbito da dissertação de Mestrado em Pedagogia do Ensino Superior da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (Albuquerque, 2006).

2. Universidade de Lisboa em Números. Consultado a 20/12/06 em http://www.ul.pt/downloads/universidade_em_Numeros_2005.pdf

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, T. (2006). *Da Intenção de Abandono à Intenção de Permanência num Curso de Ensino Superior que não o de 1ª Opção*. Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- ALMEIDA, L. S. (1998). *Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes do Ensino Superior: estudo junto dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- BARDIN, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BARROS, A. & ALMEIDA, L. (1991). Dimensões sócio-cognitivas do desempenho escolar. In Leandro S. ALMEIDA (org.), *Cognição e aprendizagem escolar*. Braga: APPORT, pp. 87-97.
- CHICKERING, A. W. (1969). *Education and Identity*. San Francisco: Jossey-Bass.
- DURÁN, J. & DÍAZ, G. (1999). *Análisis de la deserción estudiantil en la Universidad autónoma metropolitana*. México: UAM.
- FERREIRA, J. A.; ALMEIDA, L. S. & SOARES, A. P. C. (2001). Adaptação académica em estudante do 1º ano: diferenças de género, situação de estudante e curso. *PsicoUSF*. [online], jun., 6, 1 [citado 19 Janeiro 2006], pp. 01-10. Consultado em Fevereiro de 2006 em http://www.scieloopsi.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712001000100002&lng=pt&nrm=iso
- LEMONS, M. S.; LENCASTRE, L.; GUERRA, M. P. & PEREIRA, D. J. C. (1999). O Sucesso no Primeiro Ano do Ensino Superior: Análise de um Instrumento para Jovens Universitários. Comunicação apresentada no *II Seminário de Investigação e Intervenção Psicológica no Ensino Superior*, Aveiro.
- MENDES, R.; LOURENÇO, L. & PILE, M. (2001). *Abandono Universitário: Estudo de caso no IST*. Consultado em Outubro de 2005 em http://gep.ist.utl.pt/files/comunica/artigo_comunicacao-10PAG.PDF
- MERCURI, E. & POLYDORO, S. A. J. (orgs.) (2004). *Estudante Universitário: Características e Experiências de Formação*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária.
- NICO, J. B. (2000). A adaptação do(a) estudante à Universidade: porque não também o contrário? In R. SOUSA; B. SOUSA; E. LEMOS & F. C. JANUÁRIO (orgs.). *III Simpósio — Pedagogia na Universidade*. Lisboa: Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa, pp. 55-63.
- PASCARELLA, E. T. (ed.) (1982). *Studying Student Attrition*. New Directions for Institutional Research, 36. San Francisco: Jossey-Bass.
- PASCARELLA, E. T. & TERENCEZINI, P. T. (1980). Predicting freshman persistence and voluntary dropout decisions from a theoretical model. *Journal of Higher Education*, 51, pp. 60-75.
- PASCARELLA, E. T.; SMART, J. C. & ETHINGTON, D. A. (1986). Long-term persistence of two-year college students. *Research in Higher Education*, 24, 1, pp. 47-71.
- PINHEIRO, M. R. M. (2003). *Uma época especial: suporte social e vivências académicas na transição e adaptação ao Ensino Superior*. Tese de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- SANTOS, L. (2000). *Adaptação Académica e Rendimento Escolar: Estudo com Alunos Universitários do 1º ano*. Braga: Universidade do Minho.
- SANTOS, L. (2001). *Adaptação Académica e Rendimento Escolar: estudo com alunos universitários do 1º ano*. Braga: Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino Aprendizagem, Universidade do Minho.
- SCHLOSSBERG, N. K.; LYNCH, A. Q. & CHICKERING, A. W. (1989). *Improving Higher Education for Adults: Response Programs and Services from Entry to Departure*. San Francisco: Jossey-Bass.
- SCHLOSSBERG, N. K.; WATTERS, E. B. & GOODMAN, J. (1995). *Counseling Adults in Transition*. New York: Springer.

- SOARES, A. P. (1999). *Desenvolvimento vocacional de jovens adultos: A exploração, a indecisão e o ajustamento vocacional em estudantes universitários*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- SOARES, A. P. & ALMEIDA, L. S. (2001). Transição para a Universidade: Apresentação e validação do Questionário de Expectativas Académicas (QEAs). In B. D. SILVA & L. S. ALMEIDA (orgs.), *Actas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, pp. 899-909.
- TAVARES, J.; SANTIAGO, R.; TAVEIRA, M. C.; LENCAS-TRE, L. & GONÇALVES, F. (2000). Factores de sucesso/insucesso no 1º ano dos cursos de licenciatura em ciências e engenharia do Ensino Superior. In A. P. SOARES; A. OSÓRIO; J. V. CAPELA; L. S. ALMEIDA; R. M. VASCONCELOS & S. M. CAIRES (eds.), *Transição para o Ensino Superior*. Braga: Universidade do Minho/Conselho Académico, pp. 967-973.
- TINTO, V. (1975). Dropouts from higher education: A theoretical synthesis of the recent literature. *A Review of Educational Research*, 45, pp. 89-125.
- TINTO, V. (1987). *Leaving College: Rethinking the Causes and Cures of Student Attrition*. Chicago: The University of Chicago Press.
- TINTO, V. (1989a). Definir la deserción: Una cuestión de perspectiva. *Revista de la Educación Superior*, 71. ANUIES, México, pp. 33-51.
- TINTO, V. (1989b). Una reconsideración de las teorías de deserción estudiantil. *Handbook of theory and research*. New York: Agathon Press, pp. 359-384.
- TINTO, V. (1993). *Taking Learner Retention Seriously: Rethinking the First Year of College*. San Francisco: Jossey-Bass. Consultado em Junho de 2005 em <http://soeweb.syr.edu/Faculty/Vtinto/Files/AACRAOSpeech.pdf>publications/magazine/v4n2/bunderson.asp
- TINTO, V. (s/d). *Taking Student Retention Seriously*. Consultado em Janeiro de 2006 em <http://soeweb.syr.edu/faculty/vtinto/files/takinhgretentionseriously.pdf>
- VEIGA SIMÃO, A. M. & FLORES, M. A (2006). O aluno universitário: aprender a auto-regular a aprendizagem sustentada por dispositivos participativos. *Ciências & Letras*, 40 (Jul/Dez), pp. 229-251.